

Métodos, conceitos e noções aplicadas aos estudos da América Latina – uma década do Gecipa / UnB

Rúbia Rúbio-Schragei

Resumo: Este ensaio tem o objetivo de analisar, pela evolução da noção dialética e existencialista *construção-destrutiva*, a convergência dos trabalhos realizados no escopo do Grupo de Pesquisa *CNPq* Cidades e Patrimonialização na América Latina (Gecipa/UnB). A hipótese é a de que as pesquisas do grupo têm sido balizadas por tal noção, justamente por seu caráter totalizante e voltada para a síntese da natureza capitalista. Noção promissora à Geografia, pois assentada numa totalidade filosófica. Metodologicamente, o ensaio realiza: uma exposição introdutória do Gecipa, apresentando tese e dissertações concluídas, indicando a dimensão do método pela dita noção; apresentação da lógica da *construção-destrutiva* pelo minerar, que possui uma natureza espacial e ontológica, sintetizada pela *Espacialidade Mineratória*, enquanto abstração totalizante do *ser* minerador; no terceiro momento, é feito o diálogo com a noção *situação espacial duradoura*, que contribui à compreensão da condição espacial criada pela lógica da *construção-destrutiva*; por fim, são assinaladas as pesquisas convergentes na direção de uma necessária utopia de realização socioespacial aplicada à América Latina, seguindo uma outra lógica: de construção comunitária, horizontal, significativa.

Palavras-chave: geografia; construção-destrutiva; espacialidade mineratória; situação espacial duradoura; Gecipa.

Métodos, conceptos y nociones aplicadas a los estudios latinoamericanos – una década de Gecipa /UnB

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo analizar, a través de la evolución de la noción dialéctica y existencialista *construcción-destrutiva*, la convergencia de los trabajos realizados en el ámbito del Group *CNPq* Ciudad and Patrimonialización en América Latina (Gecipa / UnB). La hipótesis es que la investigación del grupo se ha guiado por esta noción, precisamente por su carácter totalizador y centrada en la síntesis de la naturaleza capitalista. Noción prometedora de Geografía, ya que se basa en una totalidad filosófica. Metodológicamente, el ensayo lleva a cabo: una exposición introductoria de Gecipa, presentando tesis y disertaciones concluidas, indicando la dimensión del método por dicha noción; presentación de la lógica *construcción-destrutiva* de la minería, que tiene una naturaleza espacial y ontológica, sintetizada por la *Espacialidad Minera*, como una abstracción totalizadora de ser un minero; en el tercer momento, se hace un diálogo con la noción de *situación espacial duradera*, que contribuye a la comprensión de la condición espacial creada por la lógica *construcción-destrutiva*; finalmente, la investigación convergente se señala en la dirección de una utopía necesaria de realización socioespacial aplicada a América Latina, siguiendo otra lógica: de construcción comunitaria, horizontal, significativa.

Palabras clave: geografía; construcción-destrutiva; espacialidad minera; situación espacial duradera; Gecipa

Methods, concepts and notions applied to Latin American studies – a decade of Gecipa / UnB

Abstract: This essay aims to analyze, through the evolution of the *construction-destructive* dialectic and existentialist notion, the convergence of the works carried out within the scope of the Group *CNPq* Cities and Heritagisation in Latin America (Gecipa/UnB). The hypothesis is that the group's research has been guided by this notion, precisely because of its totalizing character and focused on the synthesis of the capitalist nature. Promising notion of Geography, since it is based on a philosophical totality. Methodologically, the essay carries out: an introductory exposition of Gecipa, presenting thesis and dissertations concluded, indicating the dimension of the method by the said notion; presentation of the *construction-destructive* logic of mining, which has a spatial and ontological nature, synthesized by the *Mining Spaciality*, as a totalizing abstraction of being a miner; in the third moment, a dialogue is made with the notion of *long-lasting spatial situation*, which contributes to the understanding of the spatial condition created by the *construction-destructive* logic; finally, convergent research is pointed out in the direction of a necessary utopia of socio-spatial realization applied to Latin America, following a different logic: of community construction, horizontal, meaningful.

Keywords: geography; construction-destructive; mining spatiality; long-lasting spatial situation; Gecipa.



DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v3i6.32428>

Como citar este artigo: Rúbio-Schragei, R. (2020). Métodos, conceitos e noções dedicadas à América Latina na primeira década do Gecipa / UnB: resistência à *construção-destrutiva*. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 3 (6), 135-149. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v3i6.32428>

Recebido: 02 de junho de 2019. **Aceite:** 15 de julho de 2020. **Publicado:** 01 de setembro de 2020.

¹ Doutora em Geografia pela Universidade de Brasília. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5377-2635> E-mail: georubiarubio@gmail.com

1. Introdução

A proposta desse ensaio é (co)memorativa: o processo de lembrar com diálogo. Nossa intenção também é constituir uma espécie de memória acessível em outro espaço-tempo de construção conjunta do Grupo de Pesquisa que compomos, a saber o Gecipa. Tal qual o registro de atividades iniciais do grupo a partir da publicação de um artigo (Costa et al, 2013) por aqueles que integravam a sua fase inicial, estudo feito entre 2011 e 2012 e apresentado à revista *Espaço e Geografia* do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. Portanto, faz-se esse registro enquanto verticalização da narrativa que irá se construir neste ensaio: analítica, de base memorialista, e que celebra a trajetória percorrida.

Este ensaio que compõe o Dossiê também caminha nessa direção: de dialogar sobre o panorama de discussões atuais do Grupo de Pesquisa, e apresentar a tese da autora (Rúbio-Schrage, 2019c), defendida no final daquele ano, orientando-se pela mesma ferramenta teórico-conceitual que será discutida ao longo do ensaio e apresentada ainda nesta introdução.

Além disso, o celebrar configura-se no esforço de contribuir para o Gecipa enquanto lugar de memória, no sentido de Nora (1993). Este Dossiê pode ser entendido como uma vigilância comemorativa da natureza do fazer científico que se realiza no escopo do grupo, pautado na solidariedade de projetos e de sujeitos. Para Nora (1993, p. 13), “se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los” e de registrar, na história, este esforço coletivo; mediante o panorama de desconstrução e desvalidação científicas que ora presenciamos, além da pressão utilitarista, produtivista e imediatista que ainda tenta se impor à realização científica.

Por esse motivo, o leitor perceberá um caráter de apresentação dos trabalhos, sem a realização de uma profunda exposição ancorada na empiria. Essa explicação deve ser feita, para justificar que os estudos de caso que nutriram cada pesquisa, sobretudo as concreções que somente citamos aqui como subsídio da análise e conceitualização realizada, poderão ser consultados através dos próprios trabalhos de tese e dissertação, que ora referenciamos.

Assim, fizemos uma sistematização que se configura no esforço central deste ensaio: o de tentar perceber uma convergência de posturas e de propostas, que pode ser entendida como caminho teórico-metodológico adotado pelo grupo. A noção *construção-destrutiva* (Costa, 2009 e 2011) é trazida como balizadora das pesquisas, justamente por seu

caráter totalizante, dialético e existencial referente à síntese da natureza capitalista. Apresentada pelos trabalhos de dissertação e tese do autor, e amadurecida em trabalhos recentes (Costa, 2015; 2016; 2017; 2018), ao favorecimento de apropriação e desdobramentos. Esta é uma noção promissora à Geografia, assentada numa totalidade filosófica, e que se configura como pressuposto inicial apresentado, apropriado e desdobrado nas pesquisas desenvolvidas no escopo do grupo.

A noção geográfica ou de base espacial *construção-destrutiva* não é imediata nos trabalhos orientados no Gecipa, mas *mediata*. A contribuição deste ensaio é o esforço de constatação de que essa noção está no cerne do arcabouço teórico e metodológico das pesquisas. Vale enfatizar que fora germinada por Costa (2009 e 2011) no debate dialógico entre a dialética materialista histórica e o existencialismo fenomenológico (fundado, notadamente, em Sartre); métodos estudadosⁱⁱ que nos orientam e subsidiamⁱⁱⁱ.

Portanto, tem-se como premissa que a *construção-destrutiva* possui dupla vinculação a este ensaio: sintetizar posturas e propostas adotadas pelo Gecipa, e situar essa noção criada por Costa (2009 e 2011) na matriz do pensamento geográfico brasileiro, que no Brasil ganha relevo com a obra de Milton Santos. Assim, as pesquisas possuem convergência teórico-metodológica pautada na denúncia da lógica capitalista *construção-destrutiva*, que se opera nas diferentes investigações, nas cidades-campo latino-americanos, contextualizados pela expansão da modernidade-colonialidade. No que concerne à reprodução da lógica pelo minerar (tese da autora), denuncia-se através da *Espacialidade Mineratória*, capaz de sintetizar e totalizar a natureza espacial e ontológica da mineração na América Latina.

Começaremos esse ensaio com uma breve exposição do Gecipa, apresentando os trabalhos de tese e dissertação concluídos, e dialogando com alguns desses no que concerne à *construção-destrutiva*. Posteriormente, iremos apresentar essa lógica na conformação da natureza do minerar, enquanto abstração totalizante do *ser* minerador. A investigação dessa lógica requer este esforço de abstração, por meio da *Espacialidade Mineratória*, capaz de revelar a natureza deste movimento dialético, conforme será discutido na segunda parte deste ensaio.

Já na terceira parte, iremos dialogar com a noção *situação espacial duradoura* (Costa, 2016), que contribui à compreensão da condição espacial criada pela lógica da *construção-destrutiva*. Cabe dizer que a segunda noção é desdobramento da primeira. Na última parte, evidenciaremos as pesquisas que se convergem na direção de uma necessária utopia

de realização socioespacial aplicada à América Latina, seguindo uma outra lógica: de construção comunitária, horizontal, significativa.

2. O Gecipa e a denúncia da construção-destrutiva do espaço latinoamericano

O Grupo de Pesquisa *CNPq* Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe – Gecipa^{iv} (figura 1) vem na construção de suas pesquisas, desde o início da segunda década do século XXI, no âmbito da chegada de seu coordenador ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, no ano de 2011. Um grupo ainda jovem, pequeno, porém coeso, que vai completar seus primeiros dez anos. A iniciativa da construção deste Dossiê é considerada um mecanismo de síntese do amplo trabalho até aqui realizado, como pode ser percebido através deste e dos ensaios dos meus colegas. Mas, também, há a proposta de verificação pelo empírico das análises realizadas nos últimos anos, que buscam desnudar e denunciar dinâmicas atreladas à *construção-destrutiva* (Costa, 2009 e 2011) do espaço latino-americano.

2011 na Universidade de São Paulo, pelo professor Everaldo Costa, líder do referenciado grupo de pesquisa e criador e editor da *PatryTer* – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades^{vi}. A noção foi revisada através de livro publicado em 2015^{vii}, além de demais publicações do autor, que parece ter no movimento dialético e existencial da *construção-destrutiva* uma dimensão do método.

Considera-se que a *construção-destrutiva* (Costa, 2015) seja uma noção capaz de totalizar o amplo processo em curso, atrelado aos mecanismos de perpetuação simultânea da expansividade capitalista e a seletividade do capital, nas cidades-campo na América Latina. O processo em curso relaciona-se ao que Mignolo (2005; 2017) denomina como modernidade-colonialidade^{viii}, capaz de descrever a natureza violenta da inserção forçada do espaço latino-americano no seio do que se considera como moderno: e, por isso, modernidade e colonialidade unidas por hífen serve de mecanismo de periodização histórica^{ix}.

Considera-se também que a *construção-destrutiva* seja uma lógica dialética capaz de totalizar as dinâmicas e processos que para ela e que dela convergem, amplamente fundamentada num olhar

Figura 1 – Alguns momentos do grupo Gecipa, com membros, ex-membros e associados



Fonte: organizado pela autora (2020). A primeira fotografia (esquerda superior) refere-se ao estudo coletivo de obras filosóficas indicadas pelo coordenador Prof. Everaldo Costa. A segunda (meio superior) foi tirada na ocasião do I Coloquio Latinoamericano Urbanización y Patrimonialización (I CLUP) realizado na UNAM, Cidade do México. A terceira e quarta fotografias (direita superior e esquerda inferior) referem-se ao II CLUP, realizado na Universidade de Brasília-Brasil, com destaque para a sua equipe organizadora de membros do Gecipa e associados. A última fotografia se deu no Seminário de Iniciação Científica com apresentação das pesquisas de Pibic, tão importantes e reconhecidas por premiação da UnB.

Esta é uma noção que consideramos central e passível de diálogo entre todos os trabalhos até então realizados, no escopo do Gecipa. Fora inicialmente apresentada no mestrado e desenvolvida na tese de doutorado^v defendida em

dialético materialista histórico, que conspira ao necessário nível de abstração de uma análise totalizante, ou seja, que busca uma compreensão tendo em vista a simultaneidade histórica. Assim como, associa-se à essencial sensibilização e

percepção do/no empírico e dos sujeitos e sujeitas no/do espaço, condicionados pela *construção-destrutiva*, como ponto de partida e verificação contínua das teorias. É, pois, uma síntese de um olhar dialógico assumido entre a dialética materialista histórica e o existencialismo fenomenológico.

Consoante a isso, é constatado a necessidade de um olhar comprometido com a compreensão do caráter duradouro da expansão capitalista e suas possíveis formas alternativas de realização espacial. Também por esse motivo, fora assumida a América Latina^x como base empírica de análise e, como utopia necessária, de reação concreta à *construção-destrutiva*. E por esse motivo, as pesquisas carregam este esforço e compromisso em dialogar com especificidades dialeticamente consubstanciais, ao considerar uma totalidade geohistórica continental.

Esforço centrado, a partir de 2015, no projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao Prolam-USP e Unam-Mexico, com a consequente saída de campo do prof. Everaldo Costa por diferentes países e cidades latino-americanas, o que angariou não somente a busca por essa localidade regional empírica, como também diversas parcerias acadêmicas e que seguem consolidando as atividades do grupo orientadas por uma Geografia decolonial que Costa (2016; 2017; 2018) propõe ao grupo^{xi}; movimento que endossa, inclusive, a Revista PatryTer.

Assim, alguns trabalhos defendidos no Gecipa, com essa perspectiva foram: Alves (2019), Rúbio-Schrage (2019c), Mesquita (2019), Hostensky (2018), Maluly (2017), Lima (2017), Oliveira (2016). O leitor poderá encontrar, portanto, nos trabalhos indicados diversos temas abordados, mas que possuem essa congruência de método e também de proposta. É necessário esse debate inicial, para elucidar que as pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do grupo caminham em um sentido teórico-metodológico comum: de denunciar o processo da *construção-destrutiva* do espaço latino-americano e de revelar resistências em operação, com base na dialética materialista histórica e no existencialismo fenomenológico.

De alguma forma, as pesquisas irão perpassar esse eixo central, ancoradas em noções que auxiliam no desnudar da dinâmica de cada fenômeno analisado. Há aquelas fundamentadas no tangenciamento da Geografia com o Turismo; há outras que se assentam sobre os processos de patrimonialização; há as que analisam os processos de ativação popular do patrimônio, o que Costa (2016) propõe como patrimônio-territorial; e outras que se enveredam por processos de urbanização do

território, seja pelo mineração, pela especulação imobiliária, pela metropolização, pela relação cidade-campo, pelas manifestações culturais, etc.

Assim, trazemos brevemente alguns trabalhos do grupo que contribuem para denunciar a lógica da *construção-destrutiva* do espaço latino-americano em suas diversas temáticas e análises, ainda que não referenciem diretamente esta lógica como ponto de partida. O esforço em perceber esse eixo de convergência é também resultado desta proposta ensaística.

Como dito, as pesquisas do Gecipa iniciam-se com a chegada do professor Dr. Everaldo Costa na Universidade de Brasília-UnB em 2011, e a posterior formação de reuniões de discussão e fundação do grupo. Tendo como ponto de partida o ano de 2011, vislumbram-se os primeiros trabalhos defendidos no ano 2014 (listados na tabela 1), resultantes deste movimento inicial. Naquele momento, já é percebida a centralidade da Geografia da UnB em estudos realizados no Distrito Federal e âmbito nacional. Por isso, o grupo sempre se empenhou em analisar problemas espaciais para além do *quadrado* da capital federal, algo ainda mais evidenciado nos anos posteriores mesmo no âmbito departamental.

A partir de 2015, inicia-se um processo mais profundo de traçar paralelos com realidades dialeticamente tangentes na consideração da totalidade geohistórica da América Latina. O que se respalda nos estudos de casos que serviram de base para as análises realizadas, bem como na oportunidade das co-orientações, com importantes pesquisadores atuantes em universidades públicas da América Latina. Foram justamente durante os trabalhos de campo realizados pelos membros do Gecipa, que se pôde construir iniciativas tentando buscar uma totalidade dialética, sob orientação do prof. Everaldo.

Várias outras iniciativas encontram-se em andamento e também estão dispostas na tabela 1. Estão em andamento, mas adianta-se que pretendem abarcar dinâmicas no Chile, em Cuba, Panamá, México e Brasil. Além disso, não foram incluídas aquelas importantes realizadas à nível de monografia e iniciação científica, por conta do volume que ampliaria consideravelmente a tabela.

A lógica da *construção-destrutiva* permeia a realização socioespacial latino-americana, pois se assenta sobre a reprodução da modernidade-colonialidade (em sentido amplo) e da expansividade-seletividade do capital, conforme sentido dado por Harvey (2005) e Moraes (2005). Em “Mercado e moderna incorporação imobiliária no Oeste Paulista”, Bolcariol (2017) percebe o franco avanço do capital sobre cidades médias, como aquelas do oeste paulista brasileiro, e sua

Tabela 1 – Pesquisas de Mestrado e Doutorado concluídas no âmbito do Gecipa

	Ano	Autor	Coorientação	Título	Estudo de caso
DOUTORADO	2019	Rúbia Rúbio-Schrage	José Omar Moncada Maya (UNAM-Méx)	<i>Espacialidade Mineratória</i> na América Latina e o ser minerador em Potosí (Bolívia) e Mariana (Brasil).	Mariana-Brasil Potosí, Bolívia
		Vitor João R. Alves	Ilia Alvarado-Sizzo (UNAM-Méx)	As rodas de samba do Distrito Federal brasileiro, patrimônio-territorial latinoamericano, expressão de resistência espacial negra	Distrito Federal, Brasil
	2017	Luana Nunes M. Lima		Lugar e Memória: o patrimônio goiano entre o "esquecimento" e a resistência	Goiás, Brasil
		Renan A. Boscarol		Mercado e moderna incorporação imobiliária no Oeste Paulista	Oeste Paulista, Brasil
	2016	Rafael F. de Oliveira		De Aldeamento Jesuítico à periferia metropolitana: Carapicuíba-SP como <i>rugosidade patrimonial</i> .	São Paulo, Brasil
		Janaína Mourão Gori		Cartografias valorativas de Sabará-MG: essencialidade da cidade patrimonial metropolitana.	Sabará, MG, Brasil
MESTRADO	2020	Larissa A. de Sousa	Mabel T Chao Yeras (Camaguëy, Cuba)	Monumento e ativação popular do espaço público latinoamericano: Cuba e Brasil.	Cuba, Goiás, Brasil
	2019	Evellin L. de Mesquita	Maria Adames Newbill (Panamá)	Patrimônio-territorial ante a patrimonialização global em Assunção, Paraguai.	Assunção, Paraguai
	2018	Ilka Lima Holstensky		Patrimônio-territorial em Olinda-PE: comunidade quilombola Portão do Gelo - valorização da cultura afro-latino-americana	Pernambuco, Brasil
	2017	Vinicius Sodré Maluly	Adriano B. Andrade (CMB, Brasil)	Como se fossem para o cabo do mundo: Geohistória e cartografias sobre os caminhos e os descaminhos de Goyaz (1725-1752).	Goiás, Brasil
	2016	Vitor João R. Alves		Patrimônio natural e turismo voluntário: ética do cuidado na relação sociedade-natureza.	Goiás, Brasil
		Claudio H. Moura Filho		Dinâmica territorial no Distrito Federal: os casos dos núcleos rurais Lago Oeste e Vargem Bonita.	Distrito Federal, Brasil
		Magna Pereira da Silva		Feira Central de Ceilândia e gastronomia regional: patrimônio do Distrito Federal.	Distrito Federal, Brasil
	2015	Rúbia de Paula Rúbio		Memória e território: sociogênese da luta pela terra dos assentados do Cafundão (Mariana-MG).	Mariana-MG, Brasil
		Ana Paula C. Jacques		Patrimônio cultural e atrativo turístico gastronômico em Belém do Pará, Brasil.	Belém do Pará, Brasil
	2014	Marinez C. de Castro		Território usado e a produção social do turismo na Usina Hidroelétrica Corumbá IV.	Goiás, Distrito Federal, Brasil
		Ronaldo N. Ferreira		Cidadania e turismo cultural na APA da Cafuringa, DF.	Distrito Federal, Brasil
		Nina Púglia Oliveira		Análise socioespacial de mercado de música de Brasília-DF.	Distrito Federal, Brasil
		Itamar Morais Araújo		Araguaína (TO): cidade média no contexto regional	Tocantins, Brasil
		Zaira A. F. Moutinho		Lugar e percepção dos riscos socioambientais em Ouro Preto – MG	Ouro Preto/MG, Brasil
EM ANDAMENTO		Pedro Thomé Queiroz		Patrimônio-territorial indígena na América Latina: sujeitos e seus territórios no Brasil e no Chile. (Mestrado)	Brasil e Chile
		Beatriz M. Santos	Bernadete Castro (Unesp, BR) e René González (Cuba).	Territórios e religiosidade: a expressão do patrimônio-territorial afro-religioso no Brasil e em Cuba. (Mestrado)	Brasil e Cuba
		Thalyta C. S. Feitosa		Festa do Cristo Negro do Panamá: potencial de preservação do Patrimônio Mundial. (Tese)	Panamá
		Gabriela v. De Sousa		Espacialidade da violência urbana na América Latina: Brasil e México. (Tese)	Brasil e México
		Renata M. M. Araújo	Adriano B. Andrade (CMB, Brasil)	Urbano e utopismos patrimoniais desde Brasília: a Geografia e o Urbanismo. (Tese)	Distrito Federal, Brasil
		Ana Cristina S. Maria		Neoliberalização da educação e desenvolvimento territorial na América Latina: Brasil e Chile. (Tese)	Brasil e Chile.
		Ulysses M. Carvalho (UFRGS)	Co-orientação	Interação campo-cidade e patrimônio-territorial no contexto da formação socioespacial brasileira.	Brasil
		Sabrina Fortes (UFPA)	Co-orientação	Ativação popular do patrimônio-territorial frente aos processos der Patrimonialização global: a Feira do ver-o-peso, em Belém do Pará.	Brasil

Fonte: organizado pela autora (2020).

dinamização para atender aos preceitos do mercado financeiro mundial, via incorporação imobiliária. O que também é percebido por Mesquita (2019), em “Patrimônio-territorial ante a patrimonialização global em Assunção, Paraguai”, mediante avanço dos planos de modernização, profundamente germinados dessa noção moderna-colonial que aqui já destacamos.

Lima (2017) verifica os efeitos da dita modernização em cidades não patrimonializadas, no interior do estado de Goiás (Brasil), o que revela uma espécie de esquecimento institucional e político, resultante da falta de políticas de amparo e preservação. Como também, conclui a existência de uma patrimonialidade, gestada na relação singular e ruralizada que se estabelece em cada cidade, através da relação patrimônio-memória-lugar. Essa resistência simbólica é identificada por Mesquita (2019) nos mercados populares e nos próprios mecanismos de manutenção da língua guaraní. Já a ruralidade é percebida por Rúbio (2015) no que concerne à relação com a terra, que ultrapassa o sentido agrícola, e atinge a relação com a rocha torneada há gerações na fabricação de painéis. O saber-fazer painela torna-se legitimação de pertencimento no processo de luta pelo acesso a terra, conforme Rúbio-Schrage (2019a) analisa em artigo publicado nesta Revista.

O saber-fazer também estaria ligado à resistência espacial negra, identificada por Alves (2019) no que concerne às rodas de samba no Distrito Federal. Pertinência ímpar já que se configura num território que simbolicamente foi fundado na negação da sua história pretérita, e forja de uma nova, substitutiva e inaugural moderna perpetuação da modernidade-colonialidade. Isso converge com a pesquisa desenvolvida por Oliveira (2016) acerca do aldeamento jesuítico nas periferias da maior mancha metropolitana do país, em Carapicuíba-SP. O que se configura, segundo o autor, numa rugosidade patrimonial, justamente por permear tanto uma ênfase material das formas, quanto o de suas funções históricas e contemporâneas. Objeto de investigação de Maluly (2017), no que concerne ao descortinar de cartografias que revelam conexões não oficiais de fixos urbanos catalisados pela mineração, originados na expansão da modernidade-colonialidade.

Estes são alguns exemplos das pesquisas que possuem convergência teórico-metodológica pautada na denúncia da lógica da *construção-destrutiva* que se opera nos diferentes setores e recortes investigados, nas cidades-campo latino-americanos, no longo processo em curso de expansão da modernidade-colonialidade.

Figura 2 – Alguns membros do grupo Gecipa (2016)



Fonte: Acervo do grupo (2016). Fotografia tirada depois de um encontro de estudos, referenciado no texto. Da esquerda para a direita, identifica-se: Dr^a Rúbia Rúbio-Schrage; Ms^a Ilka Lima Hostensky; Dr. Everaldo Costa (coordenador do grupo); Dr^a Luana Nunes M. Lima; Dr^a Janaína Mourão Gori; Ms Vinicius Maluly; Dr. Rafael Fabrício de Oliveira.

No que concerne à reprodução dessa lógica pelo minerar, denuncia-se através do revelar da *Espacialidade Mineratória* capaz de sintetizar e totalizar a natureza espacial e ontológica da mineração na América Latina. Assim, posteriormente, iremos apresentar a lógica da *construção-destrutiva* pelo minerar, que possui uma natureza espacial e ontológica, sintetizada pela *Espacialidade Mineratória*, enquanto abstração totalizante do *ser* minerador. Para então dialogar com a noção *situação espacial duradoura* (Costa, 2015), que contribui à compreensão da condição espacial criada pela lógica da *construção-destrutiva*.

3. *Espacialidade Mineratória* na América Latina como revelar da *construtiva-destrutiva* pelo minerar.

A inserção violenta da América Latina na modernidade se executa com preceitos da *empresa* colonial, representativa da expansão do sistema-mundo capitalista^{xiii} (Wallerstein, 1974). Processo ainda em curso, chamado aqui de modernidade-colonialidade, mecanismo de periodização do espaço-tempo longo de investigação geohistórica. Rúbio-Schrage (2019c) partiu do pressuposto de que a mineração se perpetua sob os preceitos dessa *empresa*, com os devidos rearranjos à reprodução da expansividade capitalista e da seletividade do capital. E, por isso, a realização espacial e ontológica do minerar continuaria a executar-se sob a lógica da *construção-destrutiva*.

A investigação dessa lógica que também rege o minerar latino-americano requer um esforço de construção de uma abstração totalizante capaz de revelar a natureza deste movimento dialético e, por esse motivo, defende-se como possibilidade analítica singular a *Espacialidade Mineratória*. Esta se configura em: i. ponto de partida para a investigação da natureza do minerar na América Latina; ii. síntese da própria natureza espacial e ontológica do minerar no espaço latino-americano; iii. revelar da lógica que se assentam os mecanismos de reprodução de seu movimento; iv. denúncia dos elementos que representam o rearranjo contemporâneo de reprodução dessa *Espacialidade* específica; v. possibilidade singular de compreensão da natureza do minerar na América Latina com caráter duradouro, processual, impositivo e que converte territórios à sua lógica e violenta o sujeito situado; vi. artifício de ressonância de outra lógica do minerar no continente.

Neste sentido, há uma dupla vinculação entre o que motivou a realização de uma tese de doutorado acerca da natureza do minerar na

América Latina e a interpretação do porquê o *evento*^{xiii} ocorreu. Como marianense^{xiv}, o rompimento da barragem de Mariana (Minas Gerais, Brasil), em novembro de 2015, serviu de paralisia momentânea, por conta de toda imbricação ontológica desse minerar (imediatamente no Eu, para então destituir toda a imediatez por meio da ciência geográfica). As explicações amplamente difundidas esvaziam o sentido histórico e dialético do *evento*, e recobrem-o pelo manto do acidente, do acaso e de se tratar de algo a ser superado, na linear modernidade. As negligências operacionais que emergem como causa principal para o rompimento (na defesa de seu aspecto técnico ahistórico), convivem com as estruturações para transformar esse momento como desastre^{xv} a ser transposto.

Neste momento, constatou-se que haveria elementos materiais de composição da natureza do minerar, associado a elementos imateriais e simbólicos que contribuem à catalisação e retotalização dessa natureza. Este panorama se configura na inquietação de pesquisa que advém do empírico, e seria ele mesmo [o empírico] o responsável por subsidiar concretamente a abstração necessária para se investigar, analisar e entender o que conceitualizamos como *Espacialidade Mineratória*. Por esse motivo, ela nos serve como (i.) ponto de partida para a investigação da natureza do minerar no espaço-latino americano, bem como (ii.) verificação pelo empírico de seus elementos constituintes. Trata-se, portanto, de um processo simultâneo e dialético de investigação e conceitualização, subsidiado pela indagação de momentos deste longo processo histórico que contribui para a apreensão de suas complexas manifestações.

Neste sentido, adotou-se o princípio de entender o rompimento da barragem de Mariana como uma tragédia do minerar^{xvi}, que se configura na demonstração vultuosa da violência do minerar latino-americano, que se realiza sob os preceitos da *construção-destrutiva*. Por esse motivo, o rompimento da barragem funcionaria como espécie de *evento*. Entende-se com Santos (2006, p. 93-96) que “os eventos criam o tempo, como portadores da ação presente (...) os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço”. Convertem-se, pois, em síntese da própria *Espacialidade Mineratória*.

Mas, as tragédias do minerar vão além dos *eventos*, e se inscrevem na realização [cotidiana] socioespacial e ontológica do minerar na América Latina, o que Rúbio-Schrage (2019c) sistematiza e justifica na escolha de Mariana (Brasil) e Potosí (Bolívia) como concreções analíticas^{xvii}. Ambas as concreções configuram-se enquanto fixos do capital minerador que avança sobre o continente

desde os século XV, convivem ainda hoje, (resguardadas as suas escalas tecnocientíficas) com a atividade minerária compondo as suas principais matrizes econômicas, e foram assumidos como recortes à apreensão de elementos narrativos valiosos à compreensão dessa imaterialidade, convertida em *metanarrativa espacial* de consecução dessa *Espacialidade* específica.

Assim, através do (iii) revelar da lógica dos mecanismos de reprodução da *Espacialidade Mineratória*, fundamentalmente assentada na *construção-destrutiva* do continente, é possível associar as matrizes de perpetuação à própria análise do trabalho na expansão capitalista (Marx, 1858; 1867), e na consequente cisão do ser social (Lukács, 1984; 1986).

A análise do trabalho revela a condição imposta pela modernidade-colonialidade, no que concerne aos mecanismos (violentos, de opressão e controle) de ajustamento ao capitalismo universalizante. Tal condição denuncia a sua dialética, através da subversão das necessidades atreladas à sobrevivência e àquelas que seriam relacionadas à existência do ser social: tais necessidades se fundem e grafa o ser na modernidade-colonialidade, que se converte em uma metanarrativa espacial fundamental à retotalização da Espacialidade Mineratória. (Rúbio-Schrage, 2019c, p. 95)

Em suma, além de servir de síntese da natureza (espacial e ontológica) do minerar na América Latina, a busca contínua por seus elementos e por sua caracterização se dá através da indagação permanente por seus conteúdos e elementos, desde o empírico. Parte dessas indagações emergem justamente através da análise de seu movimento longo e duradouro no continente e, neste sentido, Rúbio-Schrage (2019c) irá propor a consideração das *metanarrativas espaciais da mineração*, que fornecem o revelar das estruturas de reprodução e manutenção da *Espacialidade Mineratória*, sob a lógica da perpetuação da *construção-destrutiva*. Para a autora,

Em síntese, a construção de modernidade baliza a execução central do papel das metanarrativas espaciais à operacionalização da construção-destrutiva, nesta mesma lógica, irá se perceber como as noções de desenvolvimento e progresso retotalizam o ideal que orienta a perpetuação da modernidade-colonialidade. [...] Neste sentido, as metanarrativas espaciais da mineração dão movimento dialético à Espacialidade Mineratória,

e sintetizam as narrativas que favorecem que esta espacialidade se realize nas construções espaciais contemporâneas, com o signo civilizacional de exploração minerária forjado na América Latina na ascensão capitalista moderna, e que ainda violentam os sujeitos situados. Além de contribuir à apreensão da totalidade, que é a própria Espacialidade Mineratória, a análise de seu movimento dialético demonstra que estas atuam como catalisadoras e se retotalizam na própria Espacialidade, de forma a garantir a sua reprodução. (Rúbio-Schrage, 2019c, pp. 23-24)

Em outras palavras, as *metanarrativas espaciais da mineração* irão conceder a concreticidade necessária ao elucidar da gênese da *Espacialidade Mineratória* e de seus elementos constituintes no espaço latino-americano contemporâneo. Portanto, o *ser* minerador latino-americano (na consideração de *ser* como aquele ontológico, e não como sujeito) é forjado com estruturas, regulações e formas de controle com vistas à manutenção da lógica da *construção-destrutiva*, que garante a reprodução de seu percurso expansivo-seletivo (Harvey, 2005; Moraes, 2005).

Há, portanto, uma ontologia (Lukács, 1984; 1986) do minerar, que pode ser apreendida através da dialética do trabalho (Marx, 1867; Lukács, 1984; 1986), enquanto categoria primaz da práxis e da existência, o que Rúbio-Schrage (2019c) executa por meio da análise das ideias de raça, gênero, formas de controle do trabalho e divisão territorial do trabalho – maneiras de assujeitar o ser social à catalisação do processo. Como também, esta vinculação à expansão capitalista lhe atribui a violência originária, a perversidade de se apropriar da cisão do homem (cindido entre trabalho vivo e trabalho morto, entre existência e sobrevivência, cisão do ser social). Tais elementos integram-se enquanto (iv) formas contemporâneas de rearranjo de reprodução da *construção-destrutiva* enquanto lógica da *Espacialidade Mineratória*.

É nesse sentido que há a denúncia de *metanarrativas espaciais da mineração* que se articulam contemporaneamente na subversão do espaço latino-americano e na construção de formas engenhosas de o capitalismo prosseguir com o seu percurso por meio do autocontrole do trabalho. Assim, a noção *situação espacial duradoura* (Costa, 2016) converte-se central na investigação desse processo de (v) conversão de territórios à lógica da *construção-destrutiva*, assim como de submissão do sujeito situado, para que (vi) outros *minerares scilicet* possíveis possam ser evidenciados. Tais itens (v) e (vi) serão discutidos nas seções a seguir.

4. *Situação espacial duradoura* ao revelar de violências territoriais e inibidoras de reação.

A tese trouxe uma dimensão socioclínica de análise denominada *injunção paradoxal* (Gaulejac, 2014), para analisar, na escala do sujeito, de que forma a expansão da modernidade-colonialidade se estrutura contemporaneamente, na forja de um capitalismo paradoxante (Gaulejac, 2015). O processo analítico (realizado a partir de entrevistas com moradores nas duas concreções – Mariana e Potosí) norteou-se sobre dois eixos centrais: a interpretação da forma como a vida se vincula à mineração; e a compreensão dos significados em torno de uma dimensão socioambiental - onde pode-se compreender uma extensão defendida por Souza (2009) como metáfora do capitalismo.

O primeiro eixo converge representações acerca da centralidade da atividade minerária que ultrapassa a dimensão econômica, e invade como lógica única de *desenvolvimento* e *progresso* das cidades. Ao adicionar uma camada de análise à entrevista, indagando-se sobre as tragédias da mineração (no caso de Mariana, o *evento* emblemático recente do rompimento da barragem, já em Potosí as tragédias advêm das inúmeras perdas cotidianas de vidas); percebe-se diversos mecanismos amenizadores de tais tragédias, com esvaziamento do drama (da perda da vida) à superação.

As *metanarrativas espaciais* (destacam-se *desenvolvimento* e *progresso*) atuam no sentido de mobilização e comoção imediata, onde a solidariedade e o luto se fazem presentes, seguido imediatamente da necessidade de se virar a página, na construção desse momento (como espaço-tempo do processo histórico) como algo superável.

O esquecimento torna-se *metanarrativa espacial*, e é operado com instrumentos de cunho burocrático, institucional e verticalizado, ao considerar toda a estruturação político-econômica que garante a centralidade da atividade minerária no bojo da expansão capitalista, sobretudo a megamineração - a partir de Oliveira (2013) e Gudynas (2016) constata-se se reproduzir também na lógica dos garimpos brasileiros. Como também, opera-se no sujeito situado através de dispositivos de condicionamento espacial e do autocontrole do trabalho, apreendido através da dialética do trabalho (Marx, 1867; Lukács, 1984; 1986) que revela a essência do ser social na modernidade-colonialidade.

A dialética do trabalho [revela] a essência do ser social na modernidade-colonialidade. As classificações sociais, destacadamente a categoria

mental raça e a subjugação sexual sustentam o avanço do desenvolvimento desigual forjado pela construtiva-destrutiva capitalista. As formas de controle do trabalho garantem, pela coerção, que o trabalho vivo seja sobreposto por sua transformação em mercadoria. Coerção atrelada à precariedade do mundo do trabalho, onde a competição se traduz em lógica, e a luta de classes é a expressão da contraditoriedade do sistema, mas também utopia de revolução deste. (Rúbio-Schrage, 2019c, p. 117)

A condição espacial refere-se ao aprisionamento do sujeito situado, nas esferas econômico-produtivas (da sobrevivência), mas também morais, de classe, na cisão e desumanização do ser social (em sua existência). A perversidade é naturalizada, a desumanidade integra a produção, ocorre o esvaziamento do drama nas tragédias posteriores (e essenciais?) ao próprio capitalismo. Para Costa (2016, p. 21), “na dimensão da modernidade e da colonialidade, a América Latina obscureceu-se enquanto totalidade concreta, dada a concepção eurocêntrico-parcial de totalidade e universalidade [o que se operou por meio da negação política, do apagamento simbólico e da reclusão econômico-territorial de indígenas e negros]”.

E é neste sentido que a *situação espacial duradoura* (Costa, 2016, p. 2) denota a lógica espacial e ontológica do continente, “ainda marcado pela colonialidade do poder e do saber, pela modernidade e modernização seletivas no território”. Assim, “através dessa noção, é possível analisar socioespacialmente a situação do sujeito situado, com sua capacidade de reação ultrajada pela *construção-destrutiva* que produz as *injunções paradoxais* como procedimento *metanarrativo* à reprodução da modernidade-colonialidade” (Rúbio-Schrage, 2019c, p. 133).

A *situação espacial duradoura* (Costa, 2016) possui potência de denúncia da reprodução da *construção-destrutiva* do espaço latino-americano. Sintetiza a natureza das formas e conteúdos que avançam sobre o continente. Sinaliza, desde dentro, as violências que acometem, silenciam e subjulgam povos e territórios à lógica capitalística, sobretudo os povos indígenas, negros, mulheres, crianças, idosos, e os redutos de preservação ambiental. No que concerne ao minerar, a *situação espacial duradoura* revela como compartimentamos o homem-natureza em esferas de constituição diferentes e distantes, com a conversão colonial-exploratória da natureza.

Além disso, a imediatez concernente à *construção-destrutiva* irracionaliza a dimensão de recurso mineral estratégico, e o converte, tão somente, em *commoditie* à exportação volumosa. Em

suma, o trabalho condensa diversos elementos que demonstram a permanência da centralidade da mineração à execução do avanço da *empresa* colonial na América Latina, decorridos mais de cinco séculos de exploração minerária do continente.

Além disso, a *situação espacial duradoura* também serve de base para as autorreflexões, no resgaste de sua humanidade e da compreensão da natureza como parte integrante de composição do ser social. Definida por Costa (2016), em diálogo com Hassan Zaoual, Jean Paul Sartre, Milton Santos e outros, “revela a condicionante socioespacial do continente”, assim como “converte-se simultaneamente em mecanismo de esclarecimento acerca dessa situação, à forja utópica de práticas territoriais alternativas a este movimento” (Rúbio-Schrage, 2019c, p. 136).

Assim, a noção *situação espacial duradoura* compõe a triangulação de pensamento necessária à apreensão da *construção-destrutiva* do espaço pelo minerar. A totalidade dialética que expressa e sintetiza a natureza violenta da mineração na América Latina se dá por meio da *Espacialidade Mineratória*. Esta *Espacialidade* específica, como já dialogado, possui mecanismos (materiais e simbólicos) de estruturação à garantia de sua reprodução, por meio das *metanarrativas espaciais* de consecução de sua lógica. A *situação espacial duradoura* emerge como base empírica de compreensão da realização socioespacial do longo processo em curso, da modernidade-colonialidade, da expansão-seletiva do capitalismo. Assim,

Desta forma, a noção situação espacial duradoura (Costa, 2016) possui dupla vinculação [...]: compor a triangulação que denuncia a condicionante capitalística situação espacial pelo minerar que acomete e assujeita o ser social; bem como, auxiliar a leitura da base concreta e empírica que, utopicamente, serve de suporte às reações criativas e significativas que respondem ao próprio movimento. (Rúbio-Schrage, 2019c. p. x)

Portanto, trata-se de uma tríade – entre a *Espacialidade Mineratória*, as *metanarrativas espaciais*, e a *situação espacial duradoura* - à possibilidade singular de apreender o ser minerador latino-americano. A respeito da utopia de reação a esse movimento, evidenciaremos na próxima seção as pesquisas convergentes na direção de uma necessária utopia de realização socioespacial aplicada à América Latina, na busca de uma construção comunitária, horizontal e significativa do ponto de vista do sujeito.

5. Pela utopia necessária dos fazeres significativos como resistência à construção-destrutiva.

O pensamento dialético totalizante que busca apreender o processo regido pela lógica capitalista (da *construção-destrutiva*) é fundamental para o desvelar de mundo, por meio da reflexão e análise geográficas. Ele caminha para entender dinâmicas e manifestações que compõem uma totalidade concreta analisada à luz da correspondência entre fenômenos, enquanto parte de uma totalidade filosófica a ser percorrida. Serve, portanto, à ampliação do entendimento - movente e a ser ampliado, sempre advindo e verificado pela empiria – conforme ensina Costa e Scarlato (2019), quando defendem que o empírico possui caráter de validação da compreensão da relação sociedade-natureza, da crítica racionalizada do espaço e na revisitação e verificação de teorias e conceitualizações.

A expansão do processo à escala global gera um sentimento paradoxal de sentir o peso de toda essa engrenagem em curso. É violento, é amplo, é voraz. Invade os contextos, usurpa a vida, ultrapassa a economia e opera na política, na moral, na religião, na cultura, na educação, nas relações. Impõe-se à vida, mutila existências e beneficia agentes e financeiras. A engrenagem coopta territórios, e silencia sujeitos. Mutila as capacidades de reações. Contudo, não aniquila, justo por isso recupera-se a noção de *situação espacial duradoura* (Costa, 2016; Rúbio-Schrage, 2019b; 2019c).

Esse mesmo pensamento dialético totalizante torna possível a ressonância de ações que caminham numa lógica diferenciada, e se convertem em resistência à própria *construção-destrutiva*. Rúbio-Schrage (2019c, p. 196) destaca algumas delas pelo minerar.

Assim, é urgente a construção significativa e resistente de se executar a atividade minerária de forma alternativa a própria dimensão de desenvolvimento e progresso e, por isso, na reação à Espacialidade Mineratória. Tal como, as resistências coletivas atreladas à articulação indígena (Toledo e Gutiérrez, 2016), à memória da relação com o recurso (García, 2016), à mobilização coletiva (Lorena e Álvarez, 2016), aos movimentos sociais (Castro et al, 2016), ao patrimônio-territorial (Costa, 2016) e este associado ao saber-local (Rúbio-Schrage, 2019); resistências empreendidas desde a cidade-campo na América Latina.

É percebido como o caminho, pelo minerar, se dá na apropriação comunitária dos recursos e na forja de um outro espaço-tempo da mineração, não orientada plenamente pela voracidade da *construção-destrutiva*. Constituem-se, portanto, como utopia necessária para se construir outros *minerares*.

Neste sentido, Costa (2016, p. 2) centraliza o papel da utopia como espécie de rompimento “com a realidade presente e [projeção] do futuro”, de um outro futuro alternativo à perpetuação da modernidade-colonialidade. Por esse motivo, o autor prefere a dimensão de *utopismo* como “o ideal do processo social inovado e já em andamento; proposição no devir fundada em ações de potencialidades e de fragilidades situadas e em *situação duradoura*”. Assim, ele teoriza sobre os utopismos patrimoniais como uma forma de potencializar a realização de práticas territoriais alternativas que servem de resistência à expansão capitalista, no que concerne à valoração “endógena e rendas alternativas, através de roteiros patrimoniais utópicos urbanos-rurais, nas periferias da América Latina”. Percebe-se um giro de pensamento do autor: o trânsito de uma dimensão rigidamente dialética sobre a *construtiva-destrutiva* com base no espaço que, gradativamente, incorpora a duração dos sujeitos com base em elementos da cultura, da memória e do próprio patrimônio-territorial vinculado como símbolo da história do território, consubstanciando uma mais ampla dialética da existência de caráter latinoamericano.

Lima (2017) também identifica que a ação de resistência se dá pela memória e pelo lugar, no que concerne ao patrimônio goiano e seus processos de esquecimento pertencente à *construção-destrutiva*. Hostensky (2018) e Mesquita (2019) são subsidiárias dessa noção, ao perceberem os processos de ativação do patrimônio-territorial na comunidade quilombola Portão do Gelo (Nação Xambá, Olinda, Brasil) e em bairro popular em Assunção (Paraguai), ante os processos de expansão da mancha urbana e da patrimonialização global.

Alves (2019) também apreende o patrimônio-territorial no Distrito Federal (Brasil) por meio das rodas de samba enquanto expressão da resistência espacial negra latinoamericana. O que converge com o olhar de Rúbio (2015), que percebe justamente essa resistência negra convertida nos processos de construção do saber-local e pelo saber-fazer panela torneada de pedra.

Oliveira (2016, p. 329-330) potencializa o conceito miltoniano de rugosidade demarcando a importância de se assumir a rugosidade patrimonial, como possibilidade singular de

apreender os sentidos da Aldeia desde as comunidades, e de “revelar o drama dos povos primitivos, numa consciência crítica dos preceitos da formação social, econômica e cultural do Brasil”.

Assim, é salutar e urgente que as pesquisas se direcionem não só à compreensão totalizante e dialética do processo em curso, em suas diversas manifestações temáticas (econômicas, produtivas, culturais, urbanas, patrimoniais), assim como promovam a ressonância daquelas ações que se convertem em resistência, e que alimentam a utopia de uma outra lógica alternativa à *construção-destrutiva*; esforço empreendido pelo grupo.

Tais resistências germinam da tão bem e sempre lembrada por Milton Santos, *solidariedade*, no sentido de recuperação das relações comunitárias no/do lugar, com a força das horizontalidades. Essa perspectiva (de postura metodológica e proposta regional) se configura, portanto, na tentativa de contribuição do Gecipa para uma inicial mas promissora e urgente Geografia decolonial.

6. Considerações finais

Este ensaio possui a proposta de celebrar o Gecipa como lugar de memória (Nora, 1993), assumindo a denúncia do processo de *construção-destrutiva* como intenção mediata desta coletividade de pesquisadores latino-americanos, em busca da utopia necessária de realização socioespacial sob uma outra lógica – comunitária, horizontal, humana, socialmente mais justa. Analisa-se verticalmente a origem da noção *construção-destrutiva*, que passa a orientar as pesquisas realizadas pelos integrantes do grupo, além de demais atividades acadêmicas, como as duas edições do Colóquio Latinoamericano Urbanização e Patrimonialização (Cidade do México, 2017; Brasília, 2019; Guadalajara-México, 2021) e fundação desta Revista PatryTer (processo entre 2017 e 2018).

A natureza da orientação e realização científica do Gecipa gira não somente em torno do seu coordenador (prof. Everaldo Costa), como também da ferramenta teórico-conceitual *construção-destrutiva* que aqui trouxemos, que se converte numa perspectiva totalizante central para as pesquisas e os recortes de realidade e desdobramentos na América Latina. Assim, a noção *construção-destrutiva* torna-se um conceito perspicaz à compreensão do processo histórico longo e duradouro de expansão do capital e do capitalismo, na expressão de sua natureza expansiva-seletiva. Ao colocar em ressonância esta noção através deste ensaio, foi possível não só dialogar com a

dimensão de modernidade-colonialidade que se opera no espaço latino-americano, mas também foi possível a construção de uma narrativa dialética memorialista do próprio Gecipa – na investigação de sua trajetória, constrói-se a si mesmo no processo. Além disso, revelou-se, para além da *construção-destrutiva* e da denúncia de expansão da modernidade-colonialidade, o desdobramento teórico-metodológico totalizante capaz de abarcar os sujeitos, as culturas, as memórias e a história dos territórios, no diálogo assumido pelo grupo entre os métodos ora assinalados.

Realizamos, no ensaio, o diálogo com a *construção-destrutiva* do minerar, que se mantém como centralidade da realidade socioespacial da América Latina por meio de sua natureza violenta, na forja da *Espacialidade Mineratória* e seus mecanismos de perpetuação das *metanarrativas espaciais da mineração* (Rúbio-Schrage, 2019c). A autora constrói uma tríade singular entre essas duas noções mencionadas em diálogo com a terceira, que irá traduzir o condicionamento em curso de sujeitos e sujeitas, de recursos e do território, por meio da *situação espacial duradoura*, forjada por Costa (2016). Essa noção traduz a condição espacial criada pela lógica da *construção-destrutiva*, no que se refere à permanência da estrutura de dominação que se perpetua desde a colonização, a chamada *empresa colonial*. Assim, a *situação espacial duradoura* traduz-se como lógica espacial e ontológica do continente (que se aproxima da perspectiva de espaço como processo presente na obra de Milton Santos).

Por fim, construímos na última parte deste ensaio uma convergência de posturas e de propostas – através do resgate de trabalhos realizados no escopo do Gecipa - em direção ao utopismo sobre o espaço latino-americano. Que este espaço, ao romper as estruturas de condicionamento, possa ser resultante e resultado da apropriação comunitária, significativa, sob uma outra lógica alternativa ao da *construção-destrutiva*.

Assim, apontamos uma espécie de horizonte de expectativa do grupo rumo a certo utopismo como forma de potencializar as práticas territoriais alternativas como movimentos de resistência à modernidade-colonialidade. Cada esforço em direcionar os estudos, os fazeres e as pesquisas para a necessária denúncia da lógica capitalista *construção-destrutiva*, conciliada à busca e ressonância das formas alternativas a essa lógica; configura-se em nossa busca contínua enquanto grupo, árdua e gradual, mas sempre mirando a utopia necessária de uma outra realidade socioespacial comunitária e significativa, ao continente e aos territórios, gentes e vidas submetidas. Essa é a nossa esperança.

Agradecimento

Aos meus colegas, todos eles e elas, que passaram pelo e/ou que estão no Gecipa, pela partilha respeitosa, esperançosa e trabalhosa. Aos avaliadores deste ensaio, por entendê-lo como parte do nosso rito comemorativo enquanto grupo, e contribuir animosamente. Ao professor Everaldo Costa, pelas contribuições acadêmicas e de vida; por seguir em sua busca contínua, conciliadora, árdua, estudiosa. Só quem se dedica às andanças a horizontes desconhecidos mas essencialmente mais humano, poderá levar consigo os seus amigos eternos orientandos, rumo a um novo... Rumo a algo. É importante celebrar a sua invenção de mar e de cais, conforme ensina o poeta amineirado Milton Nascimento.

7. Referências bibliográficas

- Alves, V. (2019). *As Rodas de Samba do Distrito Federal brasileiro, patrimônio-territorial latinoamericano, expressão de resistência espacial negra*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Boscariol, R. (2017). *Mercado e moderna incorporação imobiliária nas cidades médias do oeste paulista: Araçatuba, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Costa, E. (2009). *A dialética da construção-destrutiva na consagração do patrimônio mundial: o caso de Diamantina (MG)*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Costa, E. (2011). *Totalidade urbana e totalidade-mundo. As cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Costa, E. (2015). *Cidades da patrimonialização global*. São Paulo: Humanitas.
- Costa, E. (2016). Utopismos patrimoniais pela América Latina - resistências à colonialidade do poder. *XIV Colóquio Internacional de Geocrítica - Barcelona* (1-30). Recuperado em 29 de junho de 2020, www.ub.edu/geocrit/xiveveraldocosta.pdf
- Costa, E. (2017). Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. *Cuadernos de Geografía*, 26(2), (53-75). Recuperado em 29 de junho de 2020, <https://doi.org/10.15446/rcdg.v26n2.59225>

- Costa, E. (2018). Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. *Investigaciones Geográficas (online)*, 96, (1-26). Recuperado em 29 de junho de 2020, <http://dx.doi.org/10.14350/ig.59593>
- Costa, E., Oliveira, R., Rúbio, R., Boscariol, R., Souza, C. (2014a). Lógica formal, lógica dialética: questão de método em Geografia (resenha de Henri Lefebvre). *Geo UERJ*, 16(25), (276-285), <http://dx.doi.org/10.12957/geouerj.2014.12732>
- Costa, E. B., Oliveira, R., Rúbio, R., Freire, J., Araújo, G. (2014b). Pressupostos materialistas em 'dialética do concreto': para pensar cidades e patrimonialização. *Revista Cenário*, 2(3), (171-181), <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v2i3.18373>
- Costa, E., Oliveira, R., Rúbio, R., Lima, L., Pantoja, W. (2015). O mundo moderno em Hegel, Marx e Nietzsche à luz de Henri Lefebvre: crítica espacial. *Cenário*, 3, 1-24, <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v3i5.15226>
- Costa, E., Scarlato, F. (2019). Geografia, método e singularidades revisadas no empírico. *GEOUSP Espaço E Tempo (Online)*, 23(3), 640-661. <https://doi.org/10.11606/issn.21790892.geousp.2019.161552>
- Costa, E., Silveira, B., Severo, D., Araújo, E., Beserra, F., Carmo, T. (2013). Metropolização, Patrimonialização e potenciais de conflitos socioterritoriais em Brasília – DF. *Espaço e Geografia*, 16(1), 325-367, Recuperado em 30 de junho de 2020, <http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/artic/e/vi.ew/252>
- Gaulejac, V. (2014). *A neurose de classe: trajetória social e conflitos de identidade*. São Paulo: Lettera.
- Gaulejac, V. (2015). *Le capitalisme paradoxant: un système qui rend fou*. Paris: Éditions du seuil.
- Gudynas, E. (2016). Extractivismos en América del Sur: conceptos y sus efectos derrame. In. Zhouri, A., Bolados, P., Castro, E. (org). *Mineração na América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais* (pp. 23 – 44). São Paulo: Annablume.
- Harvey, D. (2005). *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume.
- Hostensky, I. (2018). *Patrimônio-territorial em Olinda – PE: Comunidade quilombola do Portão do Gelo – Nação Xambá, valorização da cultura afro-latino-americana*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Lima, L. (2017). *Lugar e Memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Lukács, G. (1984). *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo.
- Lukács, G. (1986). *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo.
- Maluly, V. (2017). *Como se fossem para o Cabo do Mundo: geohistória e cartografias sobre os caminhos e os descaminhos de Goyaz (1725-1752)*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Marx, K. (1858). *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (1867). *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo.
- Mesquita, E. (2019). *Patrimônio-territorial ante a patrimonialização global em Assunção, Paraguai*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Mignolo, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: Edgardo Lander (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas* (pp. 35-54). Argentina: Clacso.
- Mignolo, W. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), 01-17. Recuperado em 29 de junho de 2020, <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>
- Moraes, A.C. (2005). *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. São Paulo: Annablume.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História, São Paulo*, v. 10, (7-28), Recuperado em 19 de julho de 2020, <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/>
- Oliveira, R. (2013). *Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas: itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, R. (2016). *Do aldeamento jesuítico a periferia metropolitana: Carapicuíba-SP como rugosidade patrimonial*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.

- Rúbio, R. (2015). *Memória e território: sociogênese da luta pela terra dos assentados do Cafundão (Mariana-MG)*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Rúbio-Schrage, R. (2019a). Patrimônio-territorial e saber local. *PatryTer*, 2(3), 78-89. Recuperado em 29 de junho de 2020, <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i3.19254>.
- Rúbio-Schrage, R. (2019b). Urbanização do território pela mineração: O signo civilizacional da *Espacialidade Mineratória* na América Latina. In *Anales del II Coloquio Latinoamericano sobre Urbanización y Patrimonialización* (pp. 118-119). Brasília, Brasil: Editora UnB. Recuperado em 29 de junho de 2020, <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36911>.
- Rúbio-Schrage, R. (2019c). *Espacialidade Mineratória na América Latina e o ser minerador no Brasil (Mariana) e na Bolívia (Potosí)*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora USP.
- Scarlatto, F., Costa, E. (2017). A natureza do urbano. *Confins (Paris)*, 1, (1-21), <https://doi.org/10.4000/confins.11676>
- Souza, L. (2020). *Monumento e ativação popular do espaço público latinoamericano: Cuba e Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.
- Souza, M. (2009). Meio ambiente e desenvolvimento sustentável. As metáforas do capitalismo. *Cronos (UFRN)*, 10(2), 101-117, <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3289/2677>
- Wallerstein, I. (1974). *O Sistema Mundial Moderno*. São Paulo: Edições Afrontamento.
- iii É reconhecido por Everaldo Costa, de forma grata, que essa dimensão de métodos foi herdada de seu amigo e antigo orientador de mestrado e doutorado, professor Francisco Capuano Scarlatto, o que se comprova por artigos escritos na parceria de ambos, como por exemplo: *A natureza do urbano* (Scarlatto e Costa, 2017) e *Geografia, método e singularidades revisadas no empírico* (Costa e Scarlatto, 2019), dentre outros. Assim como, é ulterior às obras de Milton Santos e notadamente ao legado que este concede a pesquisadores nacionais, sobretudo uma base de crítica da Geografia da Universidade de São Paulo.
- iv É importante assinalar que, ao longo do texto, será destacado a forma como o Gecipa busca a sua internacionalização latino-americana a fim de favorecer o processo de construção de uma totalidade geohistórica continental. Como também, é importante frisar que tem se feito um esforço interinstitucional entre universidades brasileiras, tais como Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) registradas como parceiras no Diretório CNPq, com a participação de importantes pesquisadores nacionais e estudantes de pós-graduação, conforme pode ser verificado no enlace: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2265898192393555>
- v Refere-se a Costa (2009 e 2011).
- vi Para conhecimento do histórico da criação da revista, ver seu Projeto Político Pedagógico: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/12298>
- vii Refere-se a Costa (2015).
- viii Essa noção trazida com hífen é amplamente debatida em Rúbio-Schrage (2019c), que revisita os autores que realizam outras junções, tais como modernidade /colonialidade (separadas por barra), modernidadecolonialidade (justapostas em uma única palavra) e a utilização de tais palavras sem artifício de união. A utilização de hífen pretende destacar o seu processo de realização simultânea no espaço latino-americano. Cabe frisar também que o argentino Walter Mignolo estabelece diálogos com o peruano Aníbal Quijano, com o argentino radicado no México Enrique Dussel, com o uruguaio Eduardo Galeano, além de destacarmos os brasileiros Milton Santos, Antônio Robert Moraes, Maria Adélia de Souza, dentre outros importantes autores e autoras deste movimento decolonial, discutido em Rúbio-Schrage (2019c).
- ix Acerca da periodização histórica, será importante frisar que as obras de Costa (2009, 2011, 2015) que fundam a noção *construção-destrutiva* como expressão da lógica capitalista na modernidade-colonialidade, possui sua matriz teórica que remonta ao pensamento de Fernand Braudel, e todas as suas discussões e obras acerca da economia mundo capitalista, da civilização material e da longa duração. É importante esse destaque, pois orienta as formulações que lhe são sucessoras, inclusive a periodização modernidade-colonialidade e a perspectiva totalizante *construção-destrutiva*.

Notas

- i Grupo de Pesquisa CNPq Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe, institucionalizado no Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (Brasil), mas que possui diversas parcerias e membros de universidades públicas nacionais e internacionais.
- ii Foram realizados estudos de obras selecionadas, com reuniões que duraram semestres, e a posterior publicação de ensaios analíticos, tais como Costa et al (2014a; 2014b; 2015).

x A despeito das especificidades territoriais do Caribe americano, considera-o enquanto parte integrante (territorialmente, politicamente e, sobretudo, historicamente) do que chamamos aqui de América Latina.

xi Essa decolonialidade desde a Geografia tem sido um esforço da equipe, nos últimos anos. Rúbio-Schrage (2019c), Mesquita (2019), Alves (2019), Souza (2020) destacam alguns desses autores e autoras latino-americanos em seus trabalhos.

xii Reconhece-se que esse pensamento é nutrido através de obras seminais de Fernand Braudel.

xiii No sentido filosófico desenvolvido por Santos (2006).

xiv Sou nascida (em 1991) e vivi em Mariana (Minas Gerais, Brasil) até o ano de 2013, quando adentrei o programa de mestrado em Geografia na Universidade de Brasília.

xv Sobre essa noção de desastre convertida em *metanarrativa espacial* de consecução da modernidade-colonialidade, Rúbio-Schrage (2019c) assume a perspectiva de Souza (2009) de entendê-lo como metáfora do capitalismo.

xvi Discussões mais profundas das tragédias do minerar como evento esvaziador de drama, encontram-se em Rúbio-Schrage (2019) predominantemente em seu capítulo 4.

xvii Para se compreender os conteúdos da *Espacialidade Mineratória* nesses dois recortes analíticos, consultar Rúbio-Schrage (2019c).

xviii Neologismo para outro espaço-tempo do minerar, sob uma outra lógica que não o da *construção-destrutiva*.

xix Essas dimensões de *desenvolvimento e progresso* foram devidamente defendidas enquanto *metanarrativas espaciais* de consecução da expansão capitalista.